

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA**

**DASY MICAELA COELHO DE SOUSA
JEANE CRISTINA PEREIRA RIBEIRO**

**LEITURA E PRODUÇÃO TEXTUAL: LIMITES E
POSSIBILIDADES**

**DASY MICAELA COELHO DE SOUSA
JEANE CRISTINA PEREIRA RIBBEIRO**

**LEITURA E PRODUÇÃO TEXTUAL: LIMITES E
POSSIBILIDADES**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado a Universidade Federal de
Campina Grande, Curso de Pedagogia, em
cumprimento às exigências para obtenção
do título de Licenciatura Plena em
Pedagogia – Habilitação em Supervisão
Escolar.

Orientadora: Prof^a. Ms: Maria de Lourdes Campos



5721 Sousa, Dasy Micaela Coelho de.
Leitura e produção textual: limites e possibilidades /
Dasy Micaela Coelho de Sousa; Jeane Cristina Pereira
Ribeiro. - Cajazeiras, 2005.
27f.

Monografia(Licenciatura em Pedagogia)Universidade
Federal de Campina Grande, Centro de Formação de
Professores, 2005.

Contém Bibliografia.
Não disponível em CD.

1. Leitura. 2. Produção textual. 3. Estágio
supervisionado-atividades. I. Ribeiro, Jeane Cristina
Pereira. II. Campos, Maria de Lourdes. III. Título

CDU 028

AGRADECIMENTOS

A DEUS, tu que derramaste sobre nós a tua graça, através do teu filho, Jesus Cristo, e nos capacitou com teu espírito para que este sonho se tornasse realidade.

A ti que és o único autor e motivo desta vitória, o nosso louvor.

Sabemos que toda palavra é pequena diante de Ti, fonte suprema do saber, mas é por nossa pequenez que tua força e misericórdia se manifestam.

Agradecemos pelo dom da vida e do amor, pela perseverança, pelas pessoas que colocaste em nosso caminho, pelas dificuldades, pois elas nos tornarão mais fortes.

Pedimos força e coragem para agirmos sempre com eficiência e dedicação em nossa profissão.

Toma, Senhor, em tuas mãos, as nossas vidas, e delas faça o que assim te aprouver, pois alegria, para nós, é estar contigo, e contigo, então seguir, até o fim.

A Ti, toda honra e glória desde sempre e para sempre.

AOS PAIS

Seria injusto e cruel se pudéssemos agradecer pelo tudo com palavras apenas, pois nos deram a vida, que foi irrigada com muito amor, afeto, educação.... Consubstanciando-se no alicerce necessário para a nossa formação, preparando-nos para enfrentarmos um mundo tão violento e cheio de injustiças sociais, onde a vida de uma pessoa, muitas vezes, não vale mais do que um sentimento de ganância e poder.

Pai, Mãe olhamos para trás e nos reportamos as não poucas e difíceis batalhas enfrentadas para chegarmos até aqui, que sem a vossa força constante, colocando-nos sempre para frente, para cima e para o alto, não teríamos o mesmo êxito. Porquanto, amados e idolatrados pais, brindemos esta vitória, que é nossa, com a certeza de que dias melhores virão.

Com uma emoção incontida, queremos dizer-vos: **MUITO OBRIGADA POR TUDO.**

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	5
CAPITULO I	
1 LEITURA E PRODUÇÃO TEXTUAL NA ESCOLA	7
CAPITULO II	
2.PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	14
2.1 Caracterização da escola.....	14
CAPITULO III	
3.ANÁLISE DOS DADOS.....	16
3.1 Considerações dos professores sobre leitura e produção textual	16
CAPITULO IV	
4.ATIVIDADES DESENVOLVIDAS NO ESTÁGIO	20
CONCLUSÃO	25
REFERÊNCIAS.....	27
ANEXO	

INTRODUÇÃO

A temática leitura e produção textual vêm sendo motivos de discussão e reflexão por vários autores e professores na tentativa de superar as dificuldades inerentes ao processo de leitura e produção textual.

Na trajetória da leitura esse processo baseava-se em decorar o alfabeto depois soletrar e em seguida decodificar palavras e textos, passaram-se os anos e ainda hoje nos deparamos com métodos tradicionais e mecânicos de ensinar a ler, sem significação para a compreensão real da leitura.

No contexto atual, faz-se necessário que os professores busquem maneiras que possibilitem aos alunos uma leitura e uma escrita compreensiva como forma de torná-los leitores críticos.

Essa realidade é também percebida pelos professores da Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental Umbelina Cavalcante Sobral. Em reunião, os professores relataram que as dificuldades da leitura e da produção textual na escola ocorrem por falta de acesso das crianças à leitura e a produção textual, isto é, à bons livros e recursos didáticos, e a questão social e econômica em que esses alunos estão inseridos, pois os mesmos precisam ajudar os seus pais na busca de suprir suas necessidades financeiras.

Devido à carência financeira enfrentada por grande parte das crianças da escola, essas justificam não dispor de tempo para a leitura e produção textual, pois precisam ajudar suas famílias trabalhando, assim para essas crianças aprender a ler e a escrever é desinteressante, pois no seu cotidiano não precisam ter conhecimento sobre leitura, por isso sentem dificuldades em fazer leitura compreensiva e em produzir textos.

Diante dos relatos dos professores, percebemos a necessidade de analisarmos como se dá o processo de leitura e produção textual nas séries iniciais da referida escola na busca de minimizar as dificuldades encontradas pelos alunos, relacionadas no decorrer deste processo. Com isso, buscamos discutir esse processo na tentativa de identificar qual a concepção de leitura e produção textual dos professores da EMEIEF Umbelina Cavalcante Sobral. Que contribuições os professores possibilitam para esse processo? Os professores demonstram o gosto pela leitura? Estimulam seus alunos a ler e a produzir textos? Como?

Desse modo, é de fundamental importância trabalharmos essa temática na Escola a fim de propiciar discussões sobre o processo de leitura e produção textual. Além disso, o que nos despertou interesse por essa temática foi também o desejo e a necessidade de conhecê-la melhor, para o nosso próprio crescimento profissional e intelectual.

Precisamos despertar no educando o gosto pela leitura, visto que para termos escritores competentes se faz necessário a prática contínua de produção de textos na sala de aula. Cabem a nós educadores questionarmos qual o espaço de leitura e produção de textos estamos proporcionando aos nossos alunos.

Esta proposta longe de ser um paradigma em educação se propõe em oferecer contribuições as novas práticas de leitura, oportunizando reflexões significativas para realização de outros estudos voltados a essa temática.

Este trabalho está organizado em quatro capítulos: No primeiro capítulo, o referencial teórico que apresenta as teorias que dão suporte a este trabalho, fundamentadas nos autores Cagliari, Ferreiro, Teberosky e Colomer, Scoz, PCN, José e Coelho, Martins, Focambert e Resende.

No segundo capítulo, o procedimento metodológico, apresenta o percurso desenvolvido neste trabalho, optamos por um estudo exploratório, por esclarecer as idéias com objetivo de oferecer uma visão ampla e uma aproximação do fenômeno pouco explorado. Utilizamos o questionário com questões objetivas e subjetivas.

No terceiro capítulo, a análise dos resultados obtidos nos questionários que foram aplicados com as professoras da referida escola, que toma como base os depoimentos dos professores no que diz respeito aos tipos de leitura desenvolvidos nas salas de aula, atividades de produção escrita e concepções referentes ao ato de ler e escrever.

No quarto capítulo, esta as atividades desenvolvidas no estágio, onde relatamos as atividades que ocorreram neste período com as professoras, abordando estudos de textos teóricos e reflexivos, questionamentos e sugestões apontadas pelos professores e sugestões de atividades. Por fim, as conclusões a que chegamos ao finalizar este trabalho.

CAPITULO I

1-LEITURA E PRODUÇÃO TEXTUAL NA ESCOLA

A temática leitura e produção textual está fundamentada nos pressupostos teóricos, tomando como base o pensamento de autores como: Martins (1985), Ferreiro (1995), Freire (1999), Scoz (1994), PCN (2001), José e Coelho (2002), Resende (2000), Cagliari (1998), Teberosky e Colomer(2003) e Foucambert(1994).

Ler é um ato lingüístico diferente da produção espontânea de fala sobre um assunto qualquer. A leitura é uma atividade profundamente individual, na qual duas pessoas dificilmente fazem a mesma leitura de um texto, Cagliari diz que (1998, p. 150) A leitura é uma atividade de assimilação de conhecimento, de interiorização, de reflexão.

Para desenvolver a prática e gosto pela leitura, a escola deve convertê-la em objetivo e aprendizagem, bem como criar mecanismos de mobilização dos alunos, ampliando o domínio dos níveis de leitura, contextualizando-a com a vida pessoal e social do aluno.

De acordo com Freire (1999, p.11): "A leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade da leitura daquele." Entende-se pois que o ato de ler vai além da simples decodificação de símbolos lingüísticos, é um processo de compreensão e reflexão do fazer humano, estabelecendo um diálogo entre o leitor e o objeto que está sendo lido.

Neste sentido, Martins faz a seguinte afirmação (1985, p. 20):

"O ato de ler permite a descoberta de características comuns, e diferenças entre indivíduos, grupos sociais, as várias culturas, incentiva tanto a fantasia, como a consciência da realidade objetiva, proporcionando elementos para uma postura crítica apontando alternativas".

É nessa linha de pensamento que a leitura se caracteriza por ser um instrumento de autonomia, compreensão, cuja dinâmica envolve emoção, razão, intelecto, para que o aluno-leitor, assuma um papel atuante e tome consciência de que ler significa inteirar-se do mundo intervindo nele.

Segundo os Parâmetros Curriculos Nacionais (2001, p. 54): "A leitura na escola tem sido fundamentalmente um objeto de ensino." Acrescentando ainda que{(...)}"não se forma bons leitores solicitando aos alunos que leiam apenas no livro didático, porque o professor pede."

Partindo desse principio que ler e decodificar, converter letras em sons, é que a escola vem produzindo uma sociedade de analfabetos funcionais, que embora saibam ler e escrever, não são habilitados, a fazer uso da leitura e da escrita. Dessa forma não compreender os textos e seus significados.

Segundo a perspectiva de Scoz (1994, p. 52):

Se concebermos a aprendizagem a partir de um enfoque sócio-construtivista, entenderemos que a leitura resulta de um processo de interação. Por isso todas as pessoas com quem a criança convive passam a ter papel fundamental em seu desempenho de leitor. À professora, particularmente, cabe descobrir e orientar os interesses da criança, oferecendo-lhe textos significativos que favoreçam a aprendizagem.

Visto que o letramento é um processo de interlocução, que se dá pela interação social, a criança mesmo antes de entrar na escola, através dos textos sociais que ela vê no cotidiano, nas conversações de seus parentes mais próximos até chegar na escola onde caberá ao professor propor textos significativos contextualizados, reais, não somente o tradicional beabá que se constitui uma visão pobre da leitura.

Segundo os PCN's (2001, p. 53):

A leitura é um processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de construção do significado do texto, a partir dos seus objetivos do seu conhecimento sobre o autor, sobre o assunto de tudo o que se sabe sobre a língua: características do gênero, do portador, do sistema de escrita, etc.

Diante deste conceito compreendemos que ler é um processo bastante complexo que envolve vários fatores, trata de compreender os significados a representação daquilo que ao autor quis dizer, a decodificação é apenas um método utilizado pelo aluno para aprender a ler, se fossemos concordar que ler é simplesmente decodificar estaríamos caracterizando a leitura como algo mecânico.

Segundo Cagliari (1998, p.16): A leitura é a extensão da escola na vida das pessoas, a maioria do que se deve aprender na vida terá de ser conseguido através da leitura, fora da escola. A leitura é uma herança maior do que qualquer diploma.

Assim entre outras, é função da leitura, formar leitores competentes, isto é, indivíduos capacitados para viver em sociedade, visto que uma pessoa iletrada ficará excluída das relações sociais, assim a leitura é um meio e nunca um fim, é uma herança para toda a vida sendo que seu uso é imprescindível em todas as atividades sociais.

De acordo com os PCN's (2001, p. 58):

Para desenvolver, muito mais do que a capacidade de ler, o gosto e o compromisso com a leitura -, a escola precisa fazê-lo achar que a leitura é algo interessante e desafiador algo que conquistado plenamente dará autonomia e independência. (...) Uma prática que não desperte e cultive o desejo de ler não é uma prática pedagógica e eficiente.

O aprendizado da leitura envolve um aspecto importante da formação das pessoas e que, muitas vezes é subestimado no cotidiano da sala de aula. Para Martins (1985, p. 28):

O que é considerado matéria de leitura, na escola, está longe de propiciar aprendizado tão vivo e duradouro (seja de que espécie for) como o desencadeado pelo cotidiano familiar pelos colegas e amigos, pelas diversões e atribuições diárias, pelos diversos meios de comunicação de massa, enfim,

pelo contexto geral em que os leitores se inserem.

Isto vai de encontro a prática cotidiana do professor na escola cujos textos produzidos, estão a mercê do que circula na sociedade, levando a uma fragmentada, distanciando ainda mais a leitura da realidade social.

A esse respeito, nos reportamos a Scoz (1994, p. 51): [...] "a tendência da escola é abstraía a leitura do mundo que rodeia o aluno, convertendo-a em uma coleção de sons e palavras por vezes sem sentido."

Dando sustentação a afirmação acima mencionada é pertinente colocar ainda à visão de José e Coelho (2002, p. 86)

Precisamos, com urgência resgatar em nossas escolas, principalmente nas de 1º grau, a prática de leitura por prazer, sem cobrança de entendimentos de textos através de provas cansativas e acadêmicas. Toda a escola deveria, uma vez por semana propiciar às crianças, o manuseio de livros em sala de aula para desenvolver os aspectos emocionais, intelectuais da leitura, de forma racional e dinâmica. A criança aprende a ler lendo, e não passivamente copiando inúmeras vezes uma palavra ou frase, e muito menos através de cópias longas e exaustivas.

Convém discutir também que a concepção que os educadores têm sobre o processo de leitura precisa envolver uma compreensão crítica do ato de ler, para que possam não apenas ensinar a ler, mas, sobretudo criar condições para que o educando realize sua própria leitura.

Refletindo ainda o processo de leitura, tomamos como base as idéias de Ferreira e Teberosky (1999, p. 116):

[...] Lê sobre diferentes suportes materiais, notas de compras, livros, revistas, cartazes, jornais, objetos impressos, etc... e lê em diferentes tipos de impressão gráfica [...]. Lê e transmite ou comenta informações que obteve, assim como lê em silêncio ou inclusive involuntariamente. Todas essas formas de leitura são diferentes, mas qualquer que seja o portador de texto ou a situação, todos eles são "atos de leitura".

Segundo Silva (2000, p. 16):

A leitura crítica é condição para a educação libertadora é condição para a verdadeira ação cultural que deve ser implementada nas escolas. A explicação desse tipo de leitura que está longe de ser mecânica (isto é, na geradora de novos significados), será feita através da caracterização do conjunto de existências com o qual o leitor crítico se defronta, ou seja, constatar, cotejar e transformar.

É preciso democratizar a leitura para que ela não se tome instrumento de poder nem privilégio de uma minoria.

Cabendo a essa minoria o direito de dar sentido ao mundo, enquanto as demais nesta a submissão aos ditames dos que sabem das coisas (...) Neste caso predomina a visão da cultura do intelectual ou da cultura que lhe é conveniente e transmitir ao iletrado. (MARTINS, 1985, p. 24)

Nesta perspectiva a escola precisa trabalhar os conhecimentos e em particular a leitura como um objeto que permite uma compreensão maior dos fatos, da história, da vida.

Tendo como papel auxiliar de maneira fundamental na formação do indivíduo, além de ampliar seus horizontes e perspectivas.

O desenvolvimento da leitura, seguida da produção textual, não pode ser encarada apenas como uma atividade das aulas de língua portuguesa e ficar restrita a composição textual que focalize um tema proposto. Muitas vezes o aluno pensa que a habilidade prioritária para o estudo seja a leitura de textos, seguida de memorização de conceitos e de conteúdos. Ainda preso a mentalidade antiga do questionário, da memorização e perguntas e respostas.

É necessário oferecer à criança o contato com textos diversificados que por meios de atividades variadas possam elaborar e reelaborar suas próprias produções, possibilitando a formulação de hipóteses de leitura e a relação e experiências vividas.

Nesse sentido, a intervenção do educador é essencial, proporcionando momentos de análises e reflexões, criando situações de conforto e acolhimento no ato da leitura.

Em virtude disto, é fundamental reconhecer segundo Resende(2000,pág.36) que:

A afetividade do educador sua presença estimulada entre os leitores e a sua condição de mediador na escola existirão em qualquer fase do processo de leitura. Por sua vez, a capacidade analítica e o espírito crítico que vão se formando nos leitores irão lhe proporcionando uma condição de independência necessária. (RESENDE, 200, p. 36)

Uma prática constante de leitura na escola pressupõe um trabalho voltado para a diversidade de textos, contemplando os inúmeros objetivos e modalidades, que caracterizam de fato às práticas de leitura.

De posse do conhecimento da amplitude do tema leitura conceitos, da importância social e pessoal convém citar Ziraldo quando diz: «Um país de leitores é sem dúvida, um país que vai crescer e se desenvolver, e adquirir uma dimensão cultural maior que sua dimensão territorial". (Jornal do MEC, Set. 2001, p. 12)

Segundo Freire (1998, p. 11-12): O ato de ler não se esgota na decodificação pura da palavra escrita ou da linguagem, mas se antecipa e se alonga na inteligência do mundo, em que se vive além de que só se aprende a ler lendo ou mais ainda vivendo.

Faz-se necessário propiciar ao aluno textos do mundo com informações extra-escolares, contextualizadas, com o social deste aluno pois não se pode comparar o nível de leitura do aluno que só lê no livro didático, com o daquele que tem outras leituras.

Num país onde a maioria dos nossos alunos não tem contato com bons materiais de leitura e com adultos leitores em casa, é importante que a escola esteja

ciente de que formar leitores requer condições favoráveis e contribua para que a prática da leitura seja disseminada entre os alunos.

Portanto, imbuídos desse propósito de formar alunos escritores e leitores competentes que planejam os seus discursos e os defende, é função da escola não formar menos repetidores de historinhas. A leitura abre um leque de oportunidades para o aluno, no sentido que amplia a visão de mundo e insere o leitor numa cultura letrada.

O verdadeiro leitor não se conformará somente em ver o livro didático, visto que além de que, quem muito ler, melhor se comunica, e fala mais fluentemente, e ler ensina a escrever, enfim a leitura.

A língua é um objeto social no sentido de ser por meio dela que nos comunicamos, nos informamos, etc. desta maneira cabe a escola incentivar a prática da leitura dentro e fora dela, visto que ler esporadicamente e manter a criança distante da língua escrita, mesmo que seja na pré-escola é uma maneira errônea de conceber o processo de aprendizagem da leitura e escrita.

Segundo Ferreira (1995, p. 17): Se pensarmos que a criança aprende só quando é submetida a um ensino sistemático, e que a sua ignorância está garantida até que receba tal tipo de ensino nada poderemos enxergar...

A criança que vive na zona urbana antes mesmo de entrar na escola e deres contato com o ensino sistemático, já convive diretamente com as informações do contexto social no qual ela está inserida, já distingue o escrever do desenhar dos 5 aos 6 anos de idade, visto que elas tem contato, com cartazes, embalagens de brinquedos, roupas, etc.

Segundo Ferreira (1995, p. 103):

Em vez de nos perguntarmos "se devemos ou não devemos ensinar" temos de nos preocupar em dar as crianças ocasiões de aprender. A língua escrita é muito mais que um conjunto de formas gráficas. É um modo de a língua existir, é um objeto social é parte de nosso patrimônio cultural.

Visto que a prática de produção de textos é pouco vivenciada em nossas escolas, é comum encontrarmos alunos que chegam na universidade não sabendo produzir um texto coerente, coeso e eficaz.

Segundo Cagliari (1995, p. 106-109) o surgimento da escrita ocorreu em três fases distintas:

A fase pictórica se distingue pela escrita através de desenhos ou pictograma.

A fase ideográfica se caracteriza pela escrita através de desenhos chamados ideogramas. (Esses desenhos forma ao longo da evolução perdendo alguns dos seus traços o qual formou-se o nosso alfabeto).

A fase alfabética se caracteriza pelo uso de letras. Estas tiveram sua origem nos ideogramas, mas perderam o valor ideográfico assumindo uma nova função da escrita. A representação puramente fonética.

O que podemos observamos é que a escrita desde a fase pictórica a chamada fase alfabética passou por diversas transformações, mas com a mesma função

representar a atividade da fala, comunicar, na visão de Martins (2003, pág. 22-23):

Saber ler e escrever já entre os gregos e romanos significava possuir bases de uma educação adequada para a vida [...] Pois essa educação desenvolvia, além da leitura e a escrita as capacidades intelectuais espirituais e aptidões físicas através de disciplinas rígidas.

Apesar de ser tão importante aos indivíduos ter acesso a leitura e a escrita, contata-se atualmente que o ensino mecânico e tradicional da língua é uma realidade em nossas escolas, e mesmo que os instrumentos de escrita tenham se aperfeiçoado, ainda é comum observar que alfabetizar é um processo difícil, e muitas vezes sem resultados, o que pode ser comprovado nos diversos programas governamentais como o Alfabetização Solidária.

Segundo Ferreiro e Teberosky:

A preocupação dos educadores tem se voltado para a busca do melhor ou "mais eficaz" deles, levantando-se, assim, uma polemica em tomo de dois tipos fundamentais: métodos sintéticos que partem de elementos menores que e a palavra, e métodos analíticos que partem da palavra ou unidades maiores.

Estes métodos são até hoje utilizados por professores que não superam a forma mecânica de ensinar que concebem o ato de ler como uma decodificação de signos lingüísticos, sem significado nenhum na realidade do aluno. Martins afirma isto da seguinte forma (2003, pág. 23): [...] aprender, por aprender, sem se colocar o porquê, como e para que, impossibilitando compreender verdadeiramente a função da leitura, o seu papel na vida, indivíduo e da sociedade.

O que sabemos é que na realidade nenhum método cientificamente aprovado prima leitores ou produtores de textos, o visto que a escola ensina somente a decifrar a cartilha, e conforme Martins (2003, pág. 25). "[...] a escola está limitada, com a utilização preponderante dos chamados livros didáticos". Assim os únicos recursos disponíveis de leitura são pobres e pouco atrativos não despertando nenhum interesse nos alunos, aprende-se a decodificar o signo lingüístico, mas não aprende a criticar ou produzir textos, o que origina mais uma divisão social entre os letrados e os iletrados.

Segundo Foucault (1994, pág. 111):

A divisão entre leitores e decifradores coincide com a origem social, com o ambiente familiar e com as práticas culturais. Compreende-se hoje que a escola existe para alfabetizar os que não serão leitores; os que serão leitores não deverão esse aprendizado à escola.

Nesse sentido percebe-se a função política da leitura que é inocular as "ideologias que buscam na elitização da cultura meios de reformar a supremacia social, política, econômica e cultural" (Martins, 2003, pág. 27)

A leitura é uma manifestação lingüística, sendo necessário que pais, avós, todos enfim participem da alfabetização das crianças através de leituras compartilhadas, ou mesmo ao ler historia para crianças de 2 ou 3 anos já é uma boa forma de apresentar a leitura a criança.

Desta forma existem vários tipos de leitura apresentados por Cagliari (1995, pág.155):

Uma leitura pode ser ouvida, vista ou falada.

A leitura oral é feita não somente por quem lê, mas pode ser dirigida a outras pessoas que também "lêem" o texto ouvindo-o.

A leitura visual ou silenciosa favorece mais reflexão sobre o texto.

A leitura por alto procura identificar de forma rápida as idéias chaves do texto.

A escola muitas vezes utiliza-se da leitura oral para avaliar a pronúncia do aluno, como ele ler, se é rápido ou lento o que inibe muito aluno, pois só o leitor habilidoso com o habito de, leitura desenvolve tais capacidades de ler um texto de acordo com o padrão, ao contrário da criança que está no início de sua vida estudantil que se sente envergonhada da forma que ele sabe ler.

CAPITULO II

2-PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A temática Leitura e produção textual: limites e possibilidades foi desenvolvida na EMEIEF Umbelina Cavalcante Sobral, localizada na cidade de São José de Piranhas, no bairro São Sebastião, na Rua Corcino Batista sem número, com os seguintes objetivos: *Analisar e discutir como se dá o processo de leitura e produção textual; *Identificar os procedimentos metodológicos utilizados em sala de aula para trabalhar leitura e produção textual; *Caracterizar o processo de leitura e produção textual.

Realizamos um estudo de caráter exploratório, por esclarecer as idéias com o objetivo de oferecer uma visão ampla e uma aproximação do fenômeno explorado. Esse estudo exploratório nos permitirá uma maior aproximação do objeto de estudo que na referida escola é pouco explorado.

Utilizamos o questionário com questões objetivas e subjetivas. O referido instrumento nos subsidiou para elaborarmos o segundo momento do nosso trabalho, que ocorreu através de encontros com os professores, onde utilizamos estudos, leituras, discussões, reflexões e dinâmicas.

Realizamos uma análise qualitativa, por partir do “fundamento de que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, uma interdependência viva entre sujeito e objeto, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a objetividade do sujeito.” (Chizzotti, pág.79,2001)

Neste sentido, entendemos que nós, enquanto sujeitos observadores, fazemos parte do processo de conhecimentos, em que estamos diretamente vinculados com o objeto de estudo. Diante desta concepção utilizamos a pesquisa quantitativa, nos preocupamos com o nível de realidade que não pode ser quantitativo.

2.1 Caracterização da escola

A Escola Umbelina Cavalcante Sobral recebeu este nome em homenagem a uma enfermeira que era muito importante e querida da cidade onde está localizada. Na escola há duzentos e quarenta e seis (246) alunos matriculados, porém apenas duzentos e treze (213) frequentam regularmente as aulas, em seus dois turnos a escola comporta onze (11) professores, trinta e cinco (35) funcionários, um (1) coordenador e um (1) diretor.

Com relação à área física da escola, existem 6 salas de aula, cantina, sala da direção, não há sala para os professores uma biblioteca, sua iluminação é muito boa, as salas e o pátio são cheios de pinturas as quais foram escolhidas pelos educadores e educandos.

Os recursos materiais que a escola possui são: carteiras, mesas, cadeiras, bebedouros, som, mimeografo, vídeo, televisão, geladeira, vários eletrodomésticos, etc.

CAPITULO III

3-ANÁLISE DOS DADOS

3.1 Considerações dos professores sobre leitura e produção textual

Este estudo busca analisar os dados coletados através de um questionário com questões objetivas e subjetivas, com as professoras das séries iniciais do ensino fundamental da EMEIEF Umbelina Cavalcante Sobral, localizada na cidade de São José de Piranhas, PB. Os dados apresentam idéias e práticas docentes bem como a percepção acerca da leitura e produção textual.

No que diz respeito ao **Nível de Formação Escolar** constatou-se que 80% destes possuem formação em nível superior, nos cursos de Geografia, Pedagogia, Letras e Historia, 20% têm o nível médio, o Magistério. Com base nestes dados, acreditamos que os professores da referida escola estão habilitados para desempenharem a docência, visto que, possuem formação para atuarem com êxito nas suas salas de aula.

Ao serem questionados a respeito de **quantas vezes por semana desenvolvem atividades de leitura** - 100% dos professores responderam que trabalham leitura com seus alunos todos os dias letivos da semana. Isso porque entendem que é de suma importância despertar no educando o hábito da leitura, pois ela está relacionada a todos os conteúdos, conseqüentemente é essencial para o processo de ensino-aprendizagem, todas as professoras também dão ênfase a importância da leitura para todas as circunstâncias da vida social e pessoal do educando.

Nesse sentido, concordamos com a perspectiva de Freire(2002,pág.8) ao afirmar que:

“Aprender a ler, a escrever, alfabetizar-se, é antes de mais nada, aprender a ler o mundo, compreender o seu contexto, não numa manipulação mecânica de palavras mas numa relação dinâmica que vincula linguagem e realidade.”

A aquisição da leitura é uma forma de socializar a criança, pois ela terá uma nova compreensão do mundo e da realidade na qual está inserida.

Com relação ao **gosto pela leitura** – 100% responderam que gostam de ler, pois a leitura nos trás conhecimentos, facilita a expressão oral e escrita, é fundamental para o desenvolvimento profissional e conseqüentemente para a sua prática educativa. Desse modo, concordamos com Regina Haga, quando nos afirma que “a leitura amplia e reestrutura os nossos conhecimentos, nossa visão de mundo”.

No que diz respeito aos **tipos de leitura** – 20% dos professores responderam que preferem livros didáticos, 80% jornais, contos ficção, romance, etc. Percebemos assim, que estes professores estão bem integrados aos diversos tipos de leitura, esta prática possibilita um melhor embasamento no desenvolvimento de suas atividades educativas na sala de aula, oportunizando ainda, aos seus alunos o acesso a estes recursos, mostrando dessa forma que a escola está avançando.

Supõe-se, portanto que as professoras buscam diversificar suas leituras, algo que é essencial aos educadores, objetivando desenvolver sua prática na formação do aluno leitor, de modo que o mesmo possa interagir e agir conscientemente no meio em que

vive. Pois como diz Martins(1994,pág.29) “[...]ampliar a noção de leitura pressupõe transformações na visão de mundo em geral e na cultura em particular.”

Foi questionado se os professores **desenvolvem alguma atividade de motivação antes de iniciar uma atividade de leitura** – 100% afirmaram que sim, sendo que 50% utilizam gravuras e imagens antes de iniciar a leitura propriamente do texto que será estudado os outros 50% trabalham através de comentários antes de ler o texto, isto é, fazem o levantamento dos conhecimentos prévios dos alunos acerca do tema proposto no texto, muitas vezes através de dinâmicas.

Ao perguntarmos se **enfrentavam dificuldades para trabalhar a leitura na sala de aula** – 100% falaram que enfrentavam muitas dificuldades, dentre as dificuldades as mais presentes são falta de interesse dos alunos, falta de materiais como revistas, livros infantis de contos literários que motivem os alunos ‘a leitura, e por não saberem ler convencionalmente, os intimidam, o que dificulta a leitura de textos em sala de aula.

Com relação a **o que os professores entendem sobre leitura** – cada uma das professoras se expressou de uma forma diferente, a professora “E” disse que “Ler é compreender de forma global o mundo, os fatos, as situações e as imagens.”

Cagliari(1998,pág.16) concorda ao afirmar que:

“A leitura é a extensão da escola na vida das pessoas. A maioria do que se deve aprender na vida terá de ser conseguida através da leitura fora da escola. A leitura é uma herança maior do que qualquer diploma”.

Faz-se necessário, ampliar a noção de leitura que deve ser vista num sentido amplo independentemente do contexto escolar, permitindo compreender e valorizar cada aprendizado. A leitura não deve estar limitada a uma minoria, ela passará a fazer parte do cotidiano de muitos. Ela proporcionará a descoberta de características comuns e diferenças entre os indivíduos, grupos sociais e várias culturas, ao mesmo tempo incentiva tanto a fantasia como a consciência da realidade objetiva, proporcionando elementos para uma postura crítica, apontando alternativas.

Para a professora “B” “A leitura acontece quando o leitor entende a mensagem e a interpreta.” Caminhando na mesma linha de pensamento da professora acima citada Cagliari(1995,pág.153) diz que:

“A leitura é, pois, uma decifração e uma decodificação. O leitor deverá em primeiro lugar decifrar a escrita, depois decodificar todas as implicações que o texto tem e finalmente refletir sobre isso e formar o próprio conhecimento e opinião a respeito do que leu”.

Assim, entendemos que não há decodificação, decifração sem compreensão e ao mesmo tempo não há compreensão sem decodificação e decifração, ambos estão intimamente ligados. Em que cada leitor tem uma forma diferenciada de ler. Entende-se que o ato de ler vai além da simples decodificação de símbolos linguísticos, é um processo de compreensão e reflexão do fazer humano, estabelecendo um diálogo entre o leitor e o objeto que esta sendo lido.

Referente a **importância da leitura no processo de ensino aprendizagem** – 100% dos professores vêm na leitura uma forma de adquirir conhecimentos, de desenvolvimento intelectual do aluno, conforme relato da professora “D”, quando diz: “A leitura é muito importante para o desenvolvimento cognitivo do aluno, pois, desenvolve o seu senso crítico e desperta a curiosidade”.

A leitura se faz necessária no processo de ensino-aprendizagem, por meio dela podemos construir sujeitos capazes de questionar, argumentar e assim poder encontrar soluções para os diversos problemas que surgem nas diferentes situações de nossas vidas. Concordando com isso Martins(1994,pág.22) afirma que: “a leitura é um processo de formação global do indivíduo a sua capacitação para o convívio e atuação social, político, econômico e cultural”.

No que diz respeito **aos tipos de leitura utilizados para trabalhar em sala de aula** – 100% utilizam a leitura silenciosa e oral, na maioria das vezes trabalham coletivamente.

Segundo Cagliari(1995,pág.155): “A leitura oral é feita não somente por quem lê, mas pode ser dirigida a outras pessoas que também ‘lêem’ o texto ouvindo-o”. Quanto mais contente a criança estiver com os meios de leitura oral, maior será o seu desenvolvimento como leitor.

Referente ao **desenvolvimento de atividades de produção textual** – 100% dos professores realizam esta atividade visando aperfeiçoar a escrita e a leitura dos alunos, assim afirma a professora “A”:

“Desenvolver atividades de produção textual na sala de aula é importante, pois podemos desenvolver nos nossos alunos a liberdade de expressão, a imaginação, a criatividade e como consequência melhorar a escrita em todos os aspectos”.

Nessa perspectiva os PCN’s(2001,pág.52) diz que o objetivo da produção textual é “[...]formar cidadãos capazes de utilizar a escrita com eficácia, que tenham condições de assumir a palavra”. Diante do exposto, acreditamos que a atividade continuada de produção textual na escola constituiu-se uma grande oportunidade para formação de leitores e escritores competentes, aptos para produzirem seus próprios textos.

Referente a **maneira como os professores trabalham a leitura com seus alunos** – 100% trabalham a leitura individual e coletiva, 80% utilizam textos informativos, poemas, adivinhas, literatura infantil e parlendas e 20% tem como prioridade o livro didático.

Observamos que os professores utilizam a diversidade textual, possibilitando aos alunos conhecer vários tipos de leitura. Vemos que a escola procura inovar, não estando limitada “[...]com a utilização preponderante dos chamados livros didáticos”.(Martins,2003,pág.25)

As professoras deram bastante ênfase a importância de se trabalhar a leitura em grupo e coletiva, por ser uma excelente estratégia didática para a formação de leitores,

pois, possibilita ao aluno na medida, em que está lendo, interrogar-se sobre o texto, interferir sobre as palavras do autor.

Neste sentido, as professoras ao trabalharem leitura com seus alunos em grupo e coletivamente, comungam com a perspectiva do ensino interacionista. Acreditamos que a leitura em grupo é bastante eficaz para criar condições sociais de leitura e principalmente se esta atividade for somada a discussões e perguntas, isto é, reflexões sobre o texto em estudo.

CAPITULO IV

4-ATIVIDADES DESENVOLVIDAS NO ESTÁGIO

A proposta intitulada *Leitura e produção: limites e possibilidades* foi desenvolvida junto aos professores da EMEIEF Umbelina Cavalcante Sobral da cidade de São José de Piranhas-PB, com o objetivo de analisar o processo de leitura e produção textual nas séries iniciais desenvolvido na escola, na busca de compreender e minimizar as dificuldades encontradas pelos alunos.

Ao iniciar as atividades do estágio, fizemos a apresentação dos professores e os objetivos do projeto do estágio, em seguida discutimos e refletimos as concepções de leitura e produção textual na visão de vários autores e dos professores: refletimos sobre o que é ler; os tipos de leitura; as metodologias usadas pelos professores na produção textual; identificamos quais as metodologias que os professores utilizam nas atividades de leitura; reconhecer a importância do professor como leitor e escritor para incentivar a prática da leitura e da produção textual nos alunos, discutir com os professores como preparar um ambiente rico de aprendizagem.

Discutimos com as professoras diversas concepções de leitura na visão de Cagliari, Jolibert, Freire, PCN, Martins, Foucambert, Teberosky e Colomer. Pedimos que entre as várias concepções escolham a (as) que mais se identificam com a visão de leitura delas e comentassem, dentre as concepções, as professoras escolheram a de Paulo Freire onde afirma que: “ninguém ensina ninguém a ler, mas também ninguém aprende sozinho, pois o aprendizado se dá diante da convivência com os outros e com o mundo em que se vive, além de que só se aprende a ler lendo, ou mais ainda vivendo.”

Algumas das professoras concordam com a concepção de Freire, onde reforçaram que, realmente, a criança aprende a ler através da convivência de algum mediador. Uma das professoras afirma que: “As crianças que estão inseridas em um ambiente familiar de leitores terá no decorrer de sua vida uma probabilidade muito maior de desenvolver o hábito da leitura do que as que não tem nenhum vínculo relacionado à leitura”.

É de fundamental importância para o educando ter dentro de casa um estímulo para leitura, pois as crianças têm os pais como espelho que devem ser seguidos, sendo assim a família no geral carrega uma grande responsabilidade na formação do educando como leitor.

Jolibert (1994, pág. 15) diz que: “Ler é questionar algo escrito como tal a partir de uma expectativa real (necessidade de prazer) numa verdadeira situação de vida[...]. Ler é ler escritos reais...”

Diante dessas concepções, as professoras concordam com os autores, no que diz respeito à importância do ler por prazer, onde a leitura só tem sentido real para o leitor quando há uma compreensão.

Posteriormente, fizemos a leitura do texto “O que é ler” na visão de Carlos Cagliari, no decorrer do encontro houve diversas discussões sobre o texto, e os professores relataram que as crianças não têm interesse pela leitura, e isso ocorre por

não terem acesso a um ambiente familiar que possibilite esse acesso, pois, a maioria dos pais tem pouca ou nenhuma instrução de leitura e escrita.

Fizemos a leitura do texto reflexivo “A águia e a galinha”, este texto fez com que as professoras percebessem a necessidade de ir em busca de novos conhecimentos, para que possam melhorar seu desempenho em sala de aula e conseqüentemente o processo de ensino-aprendizagem.

Dando continuidade aos encontros, trabalhamos os tipos de leitura, fundamentando no texto de Cagliari “Tipos de leitura”, na medida que fazíamos a leitura coletiva, diversas discussões foram surgindo, a maioria das professoras disseram ter o hábito de ler e procuravam incentivar seus alunos a lerem.

Buscamos trabalhar a leitura de diversas formas: a leitura oral, silenciosa, dramatizada e coletiva. Estas foram feitas pelas professoras, com o objetivo de saber das professoras como faziam com seus alunos estes tipos de leitura.

Algumas professoras relataram que de início, seus alunos tiveram dificuldades em fazer a leitura oral, pois os mesmos não haviam sido treinados com a leitura silenciosa, para em seguida ser exigido deles a leitura oral, ao perceber essa necessidade as professoras passaram a trabalhar com eles a leitura silenciosa, hoje eles já lêem oralmente. Enquanto outras professoras afirmam que seus alunos ainda não lêem oralmente, porque no início da aprendizagem não foram trabalhados devidamente, por isso, lêem silabando, com uma leitura truncada.

Neste sentido, percebemos que os relatos vão de encontro com o que nos afirma Cagliari (1998, pág.36): “os alunos desde as primeiras leituras em voz alta, deveriam ser treinados a fazer uma leitura, expressiva”.

Conforme o pensamento do autor a leitura silenciosa nos proporciona a reflexão, algumas professoras ao falarem de seus hábitos de leitura, afirmaram que só conseguem refletir ou compreender a leitura se lerem em voz alta.

Fizemos a leitura de um texto reflexivo “A escola dos bichos”, onde as professoras refletiram a idéia de que todos nós somos diferentes e que cada um tem uma ou mais qualidades próprias, somos individuais, somos únicos e temos particularidades que devem ser respeitadas, mesmo que os alunos tenham a mesma idade cronológica, suas idades mentais podem ser diferentes, ou seja cada ser humano tem um nível próprio de desenvolvimento cognitivo e conseqüentemente o nível de desenvolvimento no processo de ensino-aprendizagem será diferente.

Posteriormente, fizemos a leitura coletiva do texto “Como ler?” de Cagliari que mostra os diferentes caminhos que podemos utilizar para que possamos facilitar e estimular no educando a ato da leitura.

No decorrer do debate percebemos que as atividades de leitura se tornam mais eficientes quando o professor fica atento às expectativas do estudante. Por isso é importante levar em conta que os leitores são sujeitos diferenciados, que têm interesses variados.

De acordo com o que foi debatido uma das professoras disse: “Um dos primeiros passos para formar leitores é oferecer livros e materiais que estejam próximos da realidade do leitor, que levantem questões significativas na sua vida.”

Sendo assim, vemos que o pensamento das professoras está de acordo com o que pensa Cagliari(1998,pág.92): “Ensinar as crianças a ler no seu próprio dialeto é fundamental para formar bons leitores.”

A família e a escola para todo o corpo docente desta escola são instituições de peso na influência sobre o hábito da leitura e também na orientação da escolha do tema que será lido. Portanto, que é oportuno dizer que ler deve ser um ato de prazer, cabe, então, ‘a família, ‘a escola, aos grupos orientar, despertar o gosto pela leitura, mais do que obrigar o educando a ler.

Tivemos como texto reflexivo, o texto “Estrelas do mar” que nos mostrou a importância de sermos cada vez mais engajados em exercer um bom trabalho como educador sem nos importamos com os nossos demais colegas de trabalho, pois, se formos uma diferença dentro desta educação tão precária, seremos mais um dos que querem fazer do mundo um lugar melhor.

Dando continuidade aos trabalhos, discutimos com as professoras o texto “Um modelo de ensino da linguagem e da alfabetização”(Teberosky e Colomer) que nos levou a discussão de algumas questões que precisam ser levadas em consideração na organização do ensino da leitura e da escrita na educação infantil, tendo como ponto chave o modelo construtivista de ensino-aprendizagem.

De acordo com Teberosky e Colomer(2003,pág.77): “Por um lado, a criança adquire conhecimentos na interação construtivista com o material escrito, e por outro, todo processo de aprendizagem implica relações sociais.”

Isso ocorre porque o desenvolvimento intelectual é um processo de interação com outras pessoas, tem importante papel no desenvolvimento das operações lógicas. Com isso esta operação influencia significativamente ‘a visão do mundo do educador, lhe permite evoluir de uma perspectiva subjetiva para a objetividade.

Uma das professoras afirma que:

“os alunos aprendem com os livros didáticos, mas é preciso que saibamos aproveitar o aprendizado que elas adquirem com o outro, isto é, no seu convívio social e principalmente valorizar os conhecimentos prévios dos nossos alunos, para avaliarmos o seu aprendizado e como deveremos trabalhar o assunto em pauta.”

No decorrer do debate percebemos tem conhecimento com relação ao modelo construtivista e buscam desenvolver seus trabalhos voltados para as idéias construtivistas.

Para as professoras a leitura e a escrita são processos que caminham juntos, o objetivo da leitura é a escrita e o da escrita é a leitura. Teberosky e Colomer(2003,pág.91) confirmam isto ao dizer que “não devemos considerar a leitura e

a escrita como uma progressão seqüencial, em que primeiro se aprende a ler e depois a escrever, ou o inverso.”

Fizemos uma dinâmica intitulada “Rotulo” que tinha como objetivo mostrar como nós somos rotulados dentro da sociedade a qual estamos inseridos e daí percebemos que o mesmo ocorre na sala de aula, os alunos são rotulados por um determinado professor e mesmo que não sejam realmente o que falam sobre eles é muito difícil mudar suas imagens diante os olhos dos demais professores ou até mesmo dos seus colegas de classe, ao olharem para eles já terão em suas mentes uma imagem formada sobre aquele determinado aluno. Isto é um ponto presente na realidade dessas professoras.

Refletimos o texto “Eu sei, mas não devia”, mostra que vivemos em uma sociedade passiva, acomodada com todas as desigualdades, violência e muitas outras coisas que ocorrem no nosso dia-a-dia sem lutarmos para acabar e para que nos conscientizemos de que não podemos nos acomodar com a educação totalmente precária a qual estamos inseridos é nos tomando indivíduos ativos, em busca de torna-la cada vez mais eficiente.

Dando continuidade as atividades do estágio estudamos o texto “O papel do professor: professor como escriba/ professor como leitor” de Teberosky e Colomer. Em seguida, os professores escolheram um texto para ler(a exemplo: textos narrativos, trava-línguas, poesias e receitas). Cada professor fez sua leitura observando que cada texto possui uma maneira própria de ser lido.

Posteriormente realizamos a leitura coletiva, onde no decorrer da mesma tiveram diversas discussões, em que as professoras iam relatando como desenvolvem seu papel como escriba e leitor: incentivam os alunos a lerem, os deixam escolher que histórias querem ler ou ouvir; fazem atividades de produção textual, com os que escrevem convencionalmente e produção oral com os que não dominam a escrita.

De acordo com as professoras a família também é responsável pelo desenvolvimento cognitivo dos educandos, as crianças devem ser influenciadas pela família a desenvolver o desejo pela leitura, pois as crianças que estão inseridas em um ambiente que lhe proporcione desenvolver o gosto pela leitura são as que apresentam mais interesse de aprender, são cooperativas nas leituras compartilhadas, formando assim crianças mais reflexivas e autônomas.

Teberosky e Colomer(2003,pág.130) concordam ao afirmar que: “A qualidade das relações afetivas entre pais e filhos desempenha um papel muito importante no desejo de aprender.”

Debatemos o texto reflexivo “Uma história comovente” que nos revelou a importância de elogiar, valorizarmos nossos alunos, estarmos sempre os incentivando para o melhor sem desvalorizar o que já foi feito. Depois realizamos uma dinâmica que seguia pelo mesmo caminho, tinha como título “Qualidade”, a qual ao termino estávamos com a auto-estima lá em cima e assim vimos como é importante valorizarmos o potencial dos nossos alunos.

Dando continuidade aos trabalhos, discutimos com as professoras o texto “Características de um ambiente de cultura escrita”, realizamos uma leitura do texto e através de sorteio dos itens que o mesmo abordava, cada professor teceu comentários a respeito desses itens: Tipos de linguagem escrita; Localização e disponibilidade na sala de aula; Qualidade do material para a criança; Tempo de exposição do material.

Dentre estes comentários, algumas professoras relataram que, trabalhar com cartazes enriquece as aulas. Concordam com as autoras quando dizem que estes cartazes devem ser renovados, pois os alunos gostam de novidades.

CONCLUSÃO

Este estudo consubstanciou-se como um momento de aprofundamento e conhecimento do processo de leitura e produção textual na Escola Umbelina Cavalcante Sobral, junto às professoras das séries iniciais do ensino fundamental.

Podemos conceituar leitura e escrita como algo intrínseco, onde a escrita tem como objetivo primeiro permitir a leitura. Esse processo não pode se restringir apenas a decodificação e decifração dos símbolos lingüísticos, pois a leitura cós permite criticar, compreender, interpretar e reescrever o que foi lido. Partindo desta conceituação, buscamos conhecer as concepções e reflexões a respeito de leitura e produção textual, das professoras da instituição supracitada.

Durante os encontros as professoras enfatizaram que através da leitura adquire-se conhecimento. A produção textual é percebida como um caminho para se chegar ao aperfeiçoamento desse processo pelo aluno, além de melhorar a ortografia.

Diante de tais concepções, procuramos oportunizar as professoras novas sugestões de se trabalhar a temática leitura e produção textual na sala de aula, na busca de inovar as metodologias tradicionais ainda utilizadas por alguns professores.

No decorrer dos estudos focalizamos alguns problemas que dificultam o desenvolvimento do processo de leitura e produção textual: A falta de acesso ao mundo da leitura e da escrita, por parte dos alunos no seu ambiente familiar; Pouco acompanhamento da família no processo de ensino aprendizagem das crianças, alas não têm ajuda dos pais nas tarefas escolares; Os pais não participam das reuniões da escola; A falta de um ambiente com materiais de ' cultura escrita'; Não há formação continuada; Dificuldade de integração entre os alunos; A utilização de metodologias tradicionais para trabalhar leitura e produção textual.

Mesmo convivendo com esses problemas o corpo docente da escola procura através de um trabalho coletivo tentar soluçona-los. Buscam conhecer a realidade dos seus alunos, esta atitude demonstra a preocupação que as professoras têm com a aprendizagem das crianças.

Durante as discussões com as professoras, observamos que as sugestões apresentadas para trabalhar o processo de leitura e produção textual eram sempre acatadas e postas em prática. As professoras nos seus depoimentos afirmavam que estavam preparando o ambiente da sala de leitura, expondo cartazes diversos e os trabalhos feitos pelos alunos. Demonstraram também mais interesse pela leitura, passaram a trabalhar de forma mais atrativa e criativa.

O trabalho possibilitou contribuições para as professoras, no tocante ao processo de leitura e produção textual. Uma vez que se acendeu a chama da busca de novos conhecimentos, pois vivemos num mundo em constante mutação e em virtude disto, não pretendemos atribuir 'as etapas deste estudo um caráter acabado, com verdade única: neste sentido, através deste estudo chegamos a conclusões possíveis, pois na realidade em que vivemos exige transformações constantes.

Acreditamos, porém que o "caminho se faz ao andar", e que possibilidades existem, fazendo-se necessário um maior engajamento das partes envolvidas neste processo tão árduo e complexo, porém tão recompensador que é o de oportunizar a criança, ao jovem e ao adulto o acesso a leitura e a produção textual. Oportunizando a estes, uma série de possibilidades, que antes não poderiam vislumbrar, devido à falta de conhecimento.

REFERÊNCIAS

BRASIL, **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa**- Ministério da Educação Fundamental- Brasília:2001.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e Lingüística**: Pensamento e ação no magistério. São Paula: Scipione, 1998.

_____, Luiz Carlos. **Alfabetização e Lingüística**. São Paulo, Scipione, 1995.

FERREIRO, Emilia. **Reflexões sobre a alfabetização tradicional**(Horacio Gonçalves (et.al). São Paulo: Cortez, 1995.

_____, Emilia e TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da Língua Escrita**; Porto Alegre: ARIME, 1999.

FOCAMBERT, Jean. **A leitura em questão**. trad. Bruno Charles Magne - Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. São Paulo: Cortez, 2002.

HARA, Regina. **Alfabetização de adultos: ainda um desafio**. São Paulo: Artes Médicas, 1994.

JOLIBERT, Jolibette. **Formando crianças produtoras de texto**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

JOSÉ, Elizabete da Assunção e COELHO, Maria Tereza. **Problemas de aprendizagem**. São Paulo: Ática, 2002.

Jornal do MEC. Órgão Oficial do Ministério da Educação e Cultura. Ano IX Nº13- Brasília – DF – Setembro, 2000.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. São Paulo: Brasiliense, 2003.

RESENDE, Vânia Maria. **Leitura Infantil e Juvenil: Vivências de leitura e expressão criadora**. São Paulo: Saraiva, 2000.

RICHARDSON, Roberto Jarry, (et.al). **Pesquisa Social: Métodos e técnicas**. São Paulo: Atlas, 1985.

SCOZ, Beatriz. **Psicologia e Realidade Escolar**. Petrópolis – RJ: Vozes, 1994.

TEBEROSKY, Ana e COLOMER, Tereza. **Aprender a ler e a escrever: uma proposta construtivista**; trad. Ana Maria Neto Machado – Porto Alegre: Artmed, 2003.

ANEXO

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA
DISCIPLINA: ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM SUPERVISÃO
ESCOLAR

Caro Professor (a)

Este questionário tem como objetivo coletar informações referentes ao processo de leitura e produção textual desenvolvido nas séries iniciais do ensino fundamental.

Neste sentido a sua colaboração ao responder o referido questionário é de fundamental importância para o desenvolvimento do nosso trabalho.

Antecipadamente agradecemos a sua colaboração

Questionário

Dados Pessoais / Formação Escolar

Idade:

Sexo:

Tempo que atua como professor (a):

Formação: () Nível Médio, qual?

() Nível Superior, qual?

1-Quantas vezes por semana você desenvolve atividades de leitura na sala de aula?

() nenhuma

() uma vez

() duas vezes

() três vezes

() quatro vezes

() todos os dias

2-Você gosta de ler?

() sim () não

Por quê?

3-Que tipo de leitura você prefere?

() jornais

() revistas

() livro didático

() gibis
Quais? _____

() outros

4-Você desenvolve alguma atividade de motivação antes de iniciar uma atividade de leitura?

() sim () não

Qual?

5-Você enfrenta dificuldades para trabalhar leitura na sala de aula?

() sim () não

Quais?

6-Para você o que é leitura?

7-Qual a importância da leitura no processo de ensino aprendizagem?

8-Que tipos de leitura você utiliza para trabalhar com seus alunos?

() silenciosa

() oral

() outros

Quais? _____

9-Você desenvolve atividades de produção textual?

() sim () não

Porquê?

10-Como você trabalha a leitura com seus alunos?

11-Quais os recursos que você utiliza para trabalhar leitura?

12-De que forma você trabalha a produção textual?